



O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

150 anos da 1ª Batalha de Tuiuti - 400 anos da fundação de Belém do Pará

ANO 2016

Novembro

Nº 202

PELOS CAMINHOS DA GEOPOLÍTICA

A GEOGRAFIA POLÍTICA E O ESTADO NACIONALISTA MODERNO

(Espaço temporal: final do século XIX e início do século XX)

Luiz Ernani Caminha Giorgis

1. INTRODUÇÃO

A configuração política do final do século XIX na Europa trouxe, no âmbito das relações internacionais, mas também no campo interno dos países, importantes contribuições para o debate da Geografia Política e, por conseguinte, da Geopolítica.

O advento da Alemanha no cenário internacional com a sua unificação em 1871 causou um desequilíbrio no cenário do poder (geo)político europeu. Cenário no qual ingressou, embora de forma mais branda, a Itália, unificada no mesmo período.

Neste cenário, destacou-se a figura do junker¹ Otto Eduard Leopold von Bismarck-Schönhausen (1815-1898), Chanceler da Alemanha e Primeiro-Ministro da Prússia nos reinados de Guilherme I, Frederico III e Guilherme II.

Bismarck projetou a Alemanha no âmbito internacional, desejoso de conquistar um espaço predominante na Europa e também em outras regiões do globo, principalmente nas colônias asiáticas e africanas. Seu desempenho obrigou as demais nações a revisarem as suas políticas internas e externas (principalmente), todas elas dentro do imperativo da conquista e manutenção do poder. Nesta época, mais do que em qualquer outra (com exceção do Império Romano), a Europa foi o centro geopolítico do mundo.

¹ Membro da elite prussiana.

2. DESENVOLVIMENTO

O espaço territorial e a Geografia Política europeia

A maioria dos países europeus ocupa exíguos espaços, que não lhes permitem expansões territoriais dentro do continente. Guerras aconteceram no passado tendo, como pano de fundo, exatamente os territórios, suas conquistas e suas potencialidades, assunto essencialmente geopolítico.

Inserida nesta demanda político/territorial surgiu a necessidade dos países terem acesso a informações geográficas e políticas sobre si mesmos e sobre os seus potenciais adversários.

Surgiu então, oriunda da Geografia, a Geografia Política, inicialmente somente como uma disciplina acadêmica, mas depois conquistando uma dimensão bem maior, posto que se tornou, já como Geopolítica, o principal instrumento dos donos do poder e, principalmente, de seus Estados-Maiores (Costa, 1992, p. 56), para ordenarem os seus objetivos de expansão política, ideológica e territorial dentro daquilo que se chama “estado moderno”, surgido na transição do fim da Idade Média (século XV) e início da Idade Moderna em função do(a):

- fim do regionalismo dos feudos e das cidades;
- fragmentação político-administrativa;
- fim do universalismo da Igreja católica (e do sacro Império);
- fim do poder ideológico e político religioso sobre as regiões europeias; e
- fim da ideia de uma cristandade ocidental.

A Europa do final do século XIX

No final do séc. XIX, a Geopolítica europeia pode ser vista de dois ângulos. Um deles, o restrito ao cenário do continente, subentendido neste a territorialidade de cada um. O outro, o das projeções de poder fora do continente europeu.

Desta forma, dois protagonistas se destacaram, mercê das suas rivalidades desde a guerra franco-prussiana de 1870/71: a Alemanha, sucessora da Prússia, que foi a vencedora, e a França, sucessora do Império de Carlos Magno e do Império Napoleônico, que foi derrotada e perdeu a região da Alsácia-Lorena.

O Congresso de Berlim de junho de 1878, sob a presidência de Bismarck, inaugurou a postura alemã em relação à demanda geopolítica no contexto estritamente europeu. Neste Congresso, é válido ressaltar, o objetivo primaz de Bismarck foi o de

reorganizar os países balcânicos, porém com sua atividade centrada na criação de um sistema de alianças destinado a conseguir o isolamento internacional da França e a realçar o papel da Alemanha (Giorgis, 2014, p. 14).

Em outras palavras, Bismarck inaugurou a Geopolítica “do poder”, valendo-se dos estudos acadêmicos de Geografia Política no contexto europeu.

O Estado Moderno, a Geopolítica e os grandes teóricos do passado

Portanto, o cenário da Geopolítica relacionado à formação do “estado moderno” sempre foi e sempre será a luta pelo poder, principalmente o territorial, e depois o político e o econômico. Pode-se até mesmo, utilizando os escritos de Eric Hobsbawm em “A Era dos Impérios”, falar em “Estado Moderno Imperial”, parâmetro que a I Guerra Mundial simplesmente inutilizou ao ocasionar a queda de quatro impérios: o austro-húngaro, o russo, o alemão e o turco-otomano.

Permaneceu o Império Britânico.

Grandes teóricos do período se tornaram ícones da Geopolítica. Sobre eles, torna-se necessário esclarecer de antemão, por exemplo, que Rudolf Kjéllen (1864-1922)², Friedrich Ratzel (1844-1904)³, Halford John Mackinder (1861-1947)⁴, Alfred Thayer Mahan (1840-1914)⁵, Karl Haushofer (1869-1946)⁶ e outros, formularam suas teorias diretamente influenciados pela época e por suas profissões. Todos eles viveram na transição do séc. XIX para o XX, transição esta prenhe de acontecimentos de fundo claramente geopolítico. Conceitos como “lebensraum”, “heartland”, “geografia política da guerra”, “geoestratégia”, “geopolitik” e outros, nasceram na segunda metade do séc. XIX e tiveram acolhida no séc. XX, sendo causas diretas ou indiretas das duas hecatombes bélicas do período, a I e a II Guerras Mundiais. Conceitos estes, e suas instrumentalizações, que tiveram como matriz a Geografia, originando a Geografia Política e sua filha diletta, a Geopolítica, vista esta como instrumento de avaliação das possibilidades de cada país para a manutenção e/ou conquista e ampliação do poder.

E como irmã mais velha da Geopolítica, conforme Pezarat (p. 237), existe a “Geoestratégia”, cujo conceito associa o fator geográfico (o terreno) a uma finalidade estratégica (emprego de forças organizadas). Ou seja, o estudo do espaço que, no caso de emprego, ou ameaça de emprego, de formas de coação, projeta o conhecimento geográfico na atividade estratégica (Idem).

A Geopolítica externa dos países europeus

Assim como o Congresso de Berlim de 1878 inaugurou uma demanda geopolítica essencialmente europeia, a Conferência de Berlim de 1884, também sob a presidência de Bismarck, inaugurou a Geopolítica externa, qual seja, a dos países europeus se lançarem afoitamente sobre regiões subdesenvolvidas do mundo, mormente a África. Conforme nos relata Giorgis (2014, p. 15/16)

A divisão (da África) não respeitou a história, as relações étnicas e as familiares dos povos africanos. Participaram a Grã-Bretanha, França, Espanha, Itália, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Estados Unidos, Suécia, Áustria-Hungria e Império Otomano, todos com interesses na África. O Império Alemão não tinha colônias na África e o objetivo de Bismarck era que os demais o reconhecessem como uma potência com interesses em ter certas regiões africanas como protetorados. A Conferência de Berlim deu enorme impulso à expansão colonial, tendo sido complementada posteriormente por acordos bilaterais (Apud SCHILLING, www.educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/africa7.htm). A partir desta

² Cientista político;

³ Geógrafo e etnólogo;

⁴ Geógrafo;

⁵ Almirante da Marinha dos EUA;

⁶ General do Exército alemão.

Conferência, a Alemanha passou a ser uma das potências coloniais, gerando demandas e imperativos que aguçaram as rivalidades entre os países europeus.

Os condicionantes paralelos ao debate geopolítico

Na ampliação do debate geopolítico e na formação dos nacionalismos torna-se necessário considerar os condicionantes étnicos e religiosos. Na I Guerra Mundial, por exemplo, defrontaram-se germanos e eslavos, germanos e francos/latinos, germanos e anglo-saxões, otomanos e anglo-saxões, etc. As religiões em conflito foram calvíno/luteranos, católicos, anglicanos, cristãos ortodoxos, muçulmanos, etc.

Por fim, a formação do estado moderno se valeu enormemente dos postulados da Geografia Política, da Geopolítica e dos pioneiros desta última, aqueles mesmos anteriormente citados neste texto.

Assim como a Alemanha se considerava herdeira do Sacro Império Romano Germânico, a França se considerava seguidora do grande Império de Carlos Magno. Esta última, ressalte-se, buscou a expansão territorial imediatamente após a Revolução Francesa de 1789, principalmente após a coroação de Napoleão como Imperador. Foi mal sucedida em seus objetivos, culminando com a decisiva derrota do exército francês comandado pelo corso Bonaparte na Batalha de Waterloo (18 de junho de 1815) frente à uma coligação de países.

Nacionalismo, território e geografia

Dentro deste escopo torna-se necessário debater o que seria, ou que foi, ou o que é, nacionalismo, território e geografia.

A formação dos Estados Nacionais foi um processo histórico europeu da Baixa Idade Média, ou seja, a partir do século XI (anos 1000) até o advento da Idade Moderna (1453/1789). Os povos começaram a se unir em torno de grandes líderes e buscar a unificação tendo por base o território, as tradições e a cultura. Neste processo, a religião já ocupa lugar de destaque, principalmente com o advento das 95 teses de Martinho Lutero e o surgimento do Protestantismo a partir de 1517. A Europa nunca mais seria a mesma.

Este conjunto de fatores gerou um forte nacionalismo. O território foi o cenário e o contexto foram os “estados nacionais”, dentro dos princípios da geografia.

Portanto, nacionalismo, território e geografia (e depois a geopolítica) foram os elementos essenciais para a formação do imaginário europeu baseado em patriotismo, nacionalismo, telurismo, identidade pátria, orgulho nacional, religião e até xenofobismo.

Depois de delineados os princípios da Geopolítica, surgiram os postulados da Geoestratégia, que começaram a ser observados no século XX, embora os seus pressupostos tenham começado a se estabelecer ainda em meados do século XIX, conforme o autor português Pedro de Pezarat Correia em “Geopolítica e Geoestratégia” (2012, p. 237), disponível em:

comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/7670/.../NeD131_PedroPezaratCorreia.pdf

Evidentemente, a Geoestratégia ficou subordinada à Geopolítica e esta à Geografia Política.

O território é importantíssimo fator neste contexto. Um dos axiomas da Geopolítica nos diz que a situação ou posição geográfica determina de forma inalterável o cará-

ter geoestratégico de um país. E no interior de um território, o estudo da geografia se destaca pelas constantes e variáveis do espaço, quais sejam, clima, vegetação, hidrografia, relevo/orografia, litoral (se houver), etc.

Desta forma, nacionalismo, território e geografia estão intimamente ligados na condição de representarem fatores preponderantes para o Levantamento Geográfico de Área (LGA) e para os estudos geopolíticos e de Geoestratégia.

A questão da escala na Geopolítica e o exemplo

A questão da escala em Geopolítica é importante na análise do contexto. As escalas são locais, regionais ou globais. Um evento local pode redundar em aumento da sua dimensão e gerar ou influenciar um evento regional. Assim como um evento regional pode resultar em ou influenciar um evento global.

Há alguns anos atrás em Roraima ocorreu um evento local que se expandiu. Surgiu um evento regional e este teve e continua tendo repercussões globais. Este é o exemplo que oferecemos a seguir.

Na década passada, os agricultores da região da Raposa Serra do Sol, ao norte de Roraima, expulsaram os indígenas da área. Estes reagiram e o caso chegou ao governo estadual, que o encaminhou à justiça.

Depois de tramitar em instâncias inferiores, a petição chegou ao Supremo Tribunal Federal que, em 2009, deu ganho de causa aos índios. Os agricultores tiveram que abandonar suas propriedades e passar a cultivar o arroz em outras áreas, inclusive na Guiana.

No âmbito global, a questão foi abordada no ângulo dos direitos dos nativos, que já estavam na área há séculos. Entidades ambientalistas nacionais e internacionais, outras de direitos das minorias, governos estrangeiros, etc. ampliaram o debate, chegando a sugerir que o Brasil não teria condições de administrar a questão. Neste contexto, defenderam a hipótese da ONU assumir o território.

Sabe-se que interesses outros estiveram e ainda estão por trás de tudo isso, visando principalmente as riquezas minerais e a biodiversidade, além da água.

Geopoliticamente, o território de Roraima está em posição privilegiada, tendo fronteiras com a Venezuela, com a Guiana e com os estados do Amazonas e do Pará. As nascentes do Rio Branco, um dos formadores do Rio Amazonas, estão em seu território. Além disso, a riqueza mineral e vegetal é especialmente enorme.

Em seu conjunto, estes fatores despertam interesses estrangeiros consideráveis, exigindo do Brasil um estudo geográfico e geopolítico adequado para a defesa da área frente a esta ameaça global.

Os geopolíticos brasileiros

Os primeiros geopolíticos brasileiros foram militares. Destacaram-se o Marechal Mário Travassos, os generais Francisco de Paula Cidade, Golbery do Couto e Silva e Carlos de Meira Mattos, o Coronel Raul Bandeira de Mello (Ensaios de Geobélica Brasileira) e o Brigadeiro Lysias Augusto Rodrigues. Destacaram-se, posteriormente, os civis Evertardo Backheuser, Carlos Miguel Delgado de Carvalho (geógrafo e professor francês, radicado no Brasil) e Therezinha de Castro, entre outros.

Estes pesquisadores e autores de trabalhos importantes merecem o maior respeito por terem sido os pioneiros no campo da Geopolítica, posto que na primeira metade e

no início da segunda metade do séc. XX, não havia disciplinas específicas sobre o assunto nas universidades brasileiras. O pioneiro da disciplina de Geografia Política no ambiente universitário brasileiro foi o italiano Prof. Pasquale Petrone, da USP.

3. CONCLUSÕES

É inegável que a Geografia Política, assim como as suas “filhas”, a Geopolítica e a Geoestratégia, adquirem cada vez mais importância na atualidade, mercê do que significam para os países que procuram, como o Brasil, manter os seus Objetivos Nacionais Permanentes (ONP): Democracia, Paz Social, Progresso, Soberania, Integração Nacional, Integridade Territorial e Integridade do Patrimônio Nacional. E atingir os seus Objetivos Nacionais Atuais (ONA).

Dentro do raciocínio que as nações “não possuem amigos” e sim “interesses”, o nosso país deve se prevenir para futuras agressões, bélicas ou não, na área amazônica. As grandes potências possuem interesses inconfessáveis na área toda, mercê das suas riquezas e potencialidades.

Neste ponto é que a Geografia Política, a Geopolítica e a Geoestratégia constituem estudos de alto valor no que se refere à defesa do território dentro das cinco expressões do Poder Nacional: a política, a psico-social, a econômica, a militar e a científico-tecnológica.

Enfim, estado moderno, nacionalismo, território, geografia, eventos nas escalas local, regional e global constituem servidões que merecem das autoridades as maiores atenções.

Referências

CASTRO, Iná Elias de. Geografia e Política: território, escalas de ação e instituições. In: Relações entre Território e conflito: o campo da geografia política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CORREIA, Pedro Pezarat. Geopolítica e Geoestratégia, Brigadeiro. In: Manual de Geopolítica e Geoestratégia Volume I - Conceitos, Teorias, Doutrinas Lisboa: Almedina, 2010.

COSTA, Wanderley Messias da. Geografia Política e Geopolítica. São Paulo: USP/Hucitec, 1992.

GABRIEL, Pedro Henrique Luz, Major. Pensamento Geopolítico dos militares brasileiros no século XX. Curitiba: Prismas, 2015.

GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. O Brasil na I Guerra Mundial - Centenário da Grande Guerra. Gramado: Klassika, 2014.



Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel

AHIMTB/RS

lecaminha@gmail.com

www.ahimtb.org.br

www.acadhistoria.com.br